



O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE”, DE VELICASTELO

Guilhermina Pereira da Silva (Velicastelo)

*Universidade Federal de Pernambuco
guisilva.velicastelo@gmail.com*

RESUMO: Este artigo trata da questão do corpo masculino e feminino na exposição “Bosque”. Neste artigo, pretendo provocar reflexões sobre o lugar do corpo na sociedade a partir do Bosque. Utilizo conceitos de *performatividade, subversão e profanação* para analisar o processo de pesquisa e criação dentro da experiência da produção artística para essa exposição. A partir disso farei uma reflexão sobre ser transexual e artista dentro de um contexto social normatizador de corpos.

Palavras-Chave: a/r/tografia, transexualidade, corpo.

INTRODUÇÃO

“Bosque” foi uma exposição apresentada na Galeria Capibaribe por ocasião do edital 2014 da PROEXC/UFPE, apresentada na galeria Capibaribe do Centro de Artes e Comunicação (CAC)/UFPE em 2015. Nesta ocasião apresentei trabalhos de desenhos em nanquim sobre Duratex.

Este artigo se insere num contexto importante onde os padrões de gênero pré-estabelecidos ainda atuam de forma coercitiva nos corpos proporcionando um olhar distorcido sobre a nossa sociedade heteronormativa. Ele coloca o tema de gênero e sexualidades em discussão através das imagens.

O objetivo desse artigo é de refletir sobre ser transexual e artista, analisando os vestígios das minhas experiências de criação. Assim como de fechar o ciclo das atividades iniciadas no “Bosque”.

Várias atividades complementares foram realizadas durante a exposição: uma improvisação com os alunos do curso de Dança, dentro de uma das suas disciplinas práticas; uma discussão sobre minha experiência como artista para o curso de artes visuais; uma entrevista pela assessoria de comunicação da UFPE; além das inúmeras narrativas que me foram contadas em relação as imagens.



METODOLOGIA

O método consiste numa análise das imagens para reflexões que se importam com o corpo e as suas representações na nossa sociedade de papéis tão estreitos de gênero.

Esta análise estará ancorada no método da a/r/tografia, uma vez que não hierarquiza a relação entre texto e imagem. A/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem ou hibridização (BELINDSON, 2010). Visto que o método a/r/tográfico compreende essa hibridização, este se encaixa na análise da exposição Bosque, uma vez que nele as imagens tem intensidade textual. Essas imagens não podem apenas ilustrar esse artigo, elas devem se comunicar com esse texto sendo de igual importância para a compreensão do mesmo. A exposição Bosque propõe que as imagens tenham importância ainda maior que o texto, de modo que me abstive de colocar títulos nas peças. Dar importância a imagem num cenário acadêmico predominantemente textual ajuda a horizontalizar as relações entre métodos distintos de pesquisa.

TRANSSEXUALIDADE/EU/ARTISTA/BO
SQUE

Ser transexual e artista é expressar os imensos conflitos em nossos trabalhos. Neste em especial, utilizei o termo Bosque para designar seu título, uma metáfora para o interior, fechar-se dentro de si mesma. Em sua definição científica o bosque *é uma denominação para certas formações florestais com árvores, arbustos e outras plantas, quase mono específicas, menor do que uma floresta. Neles as copas das árvores não formam uma cobertura contínua — isto é, as árvores encontram-se mais afastas.* (Texto de curadoria. M. Sette 2015). Aproprio-me aqui, desse verbete: O Bosque de Velicastelo é uma metáfora para o meu inconsciente onde essas imagens convergem entre si e produzem para mim, um sentido. Ou seja, o lugar que abriga criaturas híbridas, onde os papéis de gênero tradicionais estão invertidos por meio de ritos que sacralizam o feminino.

A principal referência para esse trabalho foi o que estava passando comigo mesma, e com a configuração de sociedade normativa em que vivemos, na qual podemos observar ainda hierarquizações e opressões de gênero. Trago uma visão que inverte essa lógica para que fique evidente a maneira pela qual, nós, mulheres somos oprimidas. No Bosque é possível ver outras imagens de criaturas não-binárias¹ que desafiam as normas de gênero



impostas, evidenciando o caráter genealógico do que é ser homem ou mulher.

Deixar as obras sem título foi uma opção que estimulou os visitantes a contarem suas próprias narrativas; compareci como mediadora cultural pelo menos uma vez por semana, para que pudesse discutir com eles as suas narrativas em convergência com as minhas. Essa foi uma experiência enriquecedora, no sentido de saber a forma com a qual os trabalhos afetavam os visitantes.

A exposição Bosque foi construída durante minha transição de gênero. Durante esse período me privei do contato externo e fiz uma viagem interior de busca do meu próprio ser; passando por alterações psicológicas e corporais que expressei nas telas da exposição.

Butler (1990) entende a transsexualidade como uma descontinuidade radical entre prazeres sexuais e partes corporais, uma vez que o prazer sexual está construído e naturalizado no nosso corpo de maneira que as sanções sociais pesem no corpo uma vez que negamos essa construção.

*Diz-se que os prazeres
residem no pênis, na vagina e nos
seios, ou que emanam deles, mas*

*tais descrições correspondem a
um corpo que já foi construído ou
naturalizado como portador de
traços específicos de gênero.
(BUTLER. 1990, p. 127)*

É um desafio muito grande ir de encontro a um *corpo* que foi construído de forma unilateral. O pênis com o qual nasci significa uma coisa, e eu estou indo de encontro a este significado. Isso se reflete em meu trabalho quando desenho essas criaturas que não possuem gênero bem definido, e que as representações desses órgãos sexuais não despertam prazer. Do contrário, despertam dúvida, estranheza.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60 cm. 2015

Nessas representações estão inscritas a transitoriedade do meu corpo. Uma ida, para



algum lugar de onde eu pudesse construir um corpo novo. Da forma que eu queria.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 90x90cm. 2015

O corpo como conhecemos, naturalizado, nas imagens acima são subvertidos. Butler (1990) nos fala do seu conceito de *Performatividade no gênero*, que ela descreve como atos repetitivos que se tornam automatizados até serem naturalizados; desse ponto para quebrar com esses atos e criar novas possibilidades de gênero a autora fala em *Subversão*:

Assim como as superfícies corporais são impostas *como* o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada, que revela o status performativo do próprio natural. (BUTLER, 1990. P. 252)

O corpo, desta forma, no Bosque, sofre intervenções subversivas quando retiro deles os seios, a vagina, o pênis. E transformo-os em indivíduos que se pretendem não estar inscritos em nada. Como que seres num nível primitivo do simbólico e do biológico, criaturas fantásticas que não habitam nossa compreensão.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015

BRUXARIA/RITUAL/SUBVERSÃO/VIO- LÊNCIA/PROFANAÇÃO

Se nos trabalhos anteriores não existem definições marcadas de gênero, nesta parte enfatizo as diferenças de gênero de modo mais subversivo. O estado primitivo do mundo terreno do qual o Bosque trata é



sobretudo uma forma de inversão de papéis de gênero. Onde o Hegemônico torna-se dominado, e o dominado torna-se hegemônico dentro do microcosmo paralelo do Bosque. Desse modo crio, no Bosque, mais um modo de subversão.

O corpo feminino está coberto de significados, há uma sedimentação nesse corpo de uma sacralização ao longo da História. Em uma das passagens de sua História da Beleza, Umberto Eco (2010) nos mostra como esse ideal de beleza feminino transita entre o pudico, o sensual e o sagrado. No período medieval havia uma concepção de corpo inatingível, difundida pelos trovadores; já que o clero não escrevia sobre esse corpo feminino com frequência. Já no período renascentista o corpo feminino foi visto de modo mais sensual, onde se proliferava entre as mulheres do poder a maquiagem, e as jóias; bem como as representações pictóricas desse corpo com as pinturas que resgatavam a sensualidade da Vênus. Havia também uma perspectiva que mais me interessa aqui:

...a mulher angelical certamente não é objeto de desejo reprimido e adiado ao infinito, mas via de salvação, meio de elevação a Deus. (ECO. P. 171; 2010)

Podemos ver como ao longo da história são reforçadas as estruturas do corpo feminino. Utilizo aqui também, da autora Berenice Bento (2006) em sua retomada de uma história do corpo feminino para reforçar minha proposição de uma sacralização do corpo feminino (que será útil mais a frente):

A proliferação de textos sobre a importância dos seios lactantes como identificadores da condição feminina desloca-se do tema e passa a autonomia. Se no século XVIII os seios lactantes motivam um conjunto de discursos que tentam legitimar-se nas subjetividades enquanto verdades, o século XIX o lê como mais uma prova do dimorfismo dos corpos. Os seios como símbolos da maternidade; a maternidade como destino de todas as mulheres. (BENTO. P. 122, 2006)

Nesse contexto utilizo a imagem a seguir:



Sem Título. Nanquim sobre Duratex. 70x60 cm. 2015

Como forma de deslocamento dessa naturalização do feminino, esse trabalho mostra numa representação pictórica um lado primitivo, feroz, e ameaçador do feminino. Aqui considero os seios não como destino materno, mas sim como armas; que ao serem expostos de forma sensual, num corpo antropozoomórfico, tem como principal sentido a construção de um corpo preparado para a luta, o corpo de uma fera que ataca, com garras afiadas que ameaçam ao invés das mãos delicadas das vênus, nas pinturas e esculturas ao longo da história. Uma criatura preparada não para o sagrado, mas para o profano, para profanar. Uma criatura profanada, no seu próprio corpo.

Em seu livro *Profanações* (2007) Giorgio Agamben nos traz o conceito de *profanação*. No capítulo *Elogio à profanação*, ele define a profanação como a restituição do que foi tirado dos homens pelo sagrado. Usando metáforas, o filósofo argumenta que os dispositivos do poder retiram as coisas do uso comum e os suspendem. Dessa forma aquilo passa a conter um significado de valor (sagrado), a função da profanação é restituir o uso através de rituais (assim como se constitui o sagrado) tudo o que é de fato direito de todos os homens.

Vejo uma clara semelhança com os modos subversivos do gênero, só que com uma aproximação para o campo da arte. Os artistas têm esse poder de deslocar sentidos para criar representações que causam uma distorção nos dispositivos. Neste trecho o autor nos traz um exemplo de profanação:

...a defecação, que, em nossa sociedade, é isolada e escondida através de uma série de dispositivos e de proibições [...] O que poderia querer dizer: profanar a defecação? [...] Trata-se de aprender um novo uso das fezes, assim como as crianças estavam tentando fazer ao seu modo antes que intervissem a repressão e a separação. (AGAMBEN. P. 72. 2007)



Podemos, ao invés de pensar as fezes, pensarmos o corpo nessa mesma estrutura. Ou seja, a leitura sobre o corpo é um dispositivo, é algo que através da sacralização (performatividade) foi tirado do uso comum. O corpo pertence à esfera do divino, do sagrado; cabe à profanação, através de ritos, restituir o corpo ao uso comum para dele fazermos o que quisermos.

Nesse ponto a arte é de muita importância. Uma vez que pode, através da representação, restituir o que é de uso comum, neste caso o corpo. No Bosque esse exercício é feito diversas vezes: quando apresento corpos não gênerificados, quando trago novos significados ao corpo feminino e ao masculino através das representações desses ritos profanadores.

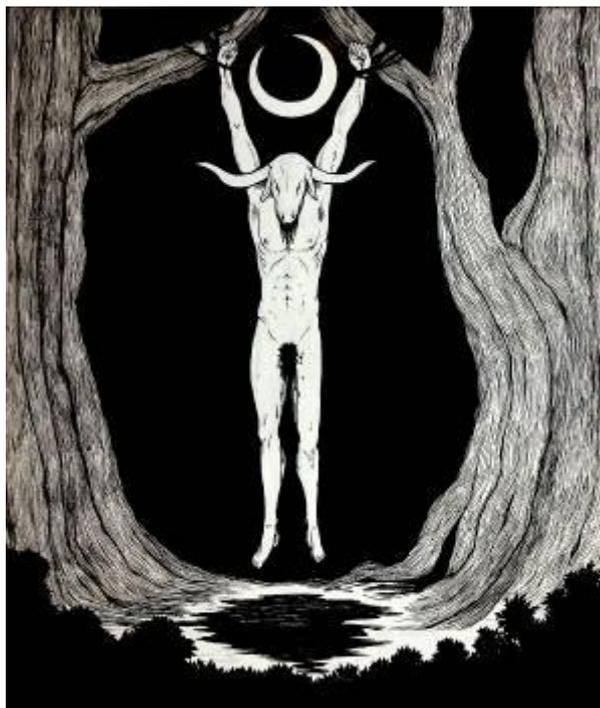
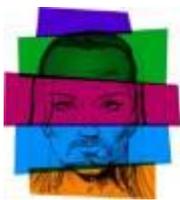
Bosque, contém uma estrutura de rituais em que podemos ver o uso do corpo masculino como sacrifício. Aqui, esse corpo é marcado por uma subserviência ao sagrado feminino.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015

De acordo com o que já foi citado sobre profanação, podemos perceber que nesses ritos criam-se novos dispositivos, onde o feminino domina o masculino, tem direito sobre o corpo masculino através de ritos que os sacralizam como inferiores.

Como artista, pensei o feminino dessa forma por que passava por um processo dentro de um contexto social normativo e falocêntrico; onde dispositivos como a família me obrigavam a aceitar o corpo com o qual eu nasci. Tive ódio do meu corpo. Ódio de uma obrigação, um teatro que não tinha mais sentido. Quis, mediante a ritos de bruxaria (que são práticas históricas associadas ao feminino) livrar-me desse corpo, para renascer.



Sem título. Nanquim sobre Duratex. 70x60cm. 2015



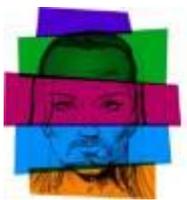
Sem título. Nanquim sobre Duratex. 90x90cm. 2015

CONCLUSÃO

Entendo que o uso da profanação não foi o esperado. Nos ritos que destituem do homem seu próprio corpo, estou reforçando dispositivos femininos. Estou negando a masculinidade.

Não sei se é inconsciente, mas foi necessário esse reforço da feminilidade, das estruturas, dessa negação e ódio da construção prévia de gênero recaída sobre meu corpo. Na sua pesquisa para tese de doutorado, Berenice Bento (2006) se depara com discursos de pessoas transexuais que reforçam estruturas já naturalizadas do gênero ao qual elas se identificam. Possuo o mesmo discurso, isso apareceu no Bosque, e embora tenha consciência das implicações negativas desse reforço. Tive que fazê-lo, para construir subjetividade, para colocar-me enquanto sujeito e evitar me tornar uma mentira.

Naquele momento esse foi o entendimento que tinha sobre o que estava passando, o que, não reflete necessariamente como penso no presente e nem como vou pensar meu processo no futuro. Como diz Butler (1990) a categoria de mulher é um *devoir*.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINDSON, Dias. Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pesquisa em Artes. Anais da CONFAEB. 2010 disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>

BENTO, Berenice. A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ECO, Umberto. História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GIORGIO, Agamben. Profanações. São Paulo: Boitempo. 2007.